

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

---

**Prova Escrita de Português**

---

12.º Ano de Escolaridade

---

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

---

**Prova 639/2.ª Fase**

8 Páginas

---

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

---

**2016**

**VERSÃO 1**

---

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### A

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

Só o ter flores pela vista fora  
Nas áleas largas dos jardins exatos  
Basta para podermos  
Achar a vida leve.

5 De todo o esforço seguremos quedas  
As mãos, brincando, pra que nos não tome  
Do pulso, e nos arraste.  
E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,  
10 Bebendo a goles os instantes frescos,  
Translúcidos como água  
Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas  
As rosas breves, os sorrisos vagos,  
15 E as rápidas carícias  
Dos instantes volúveis.

Pouco tão pouco pesará nos braços  
Com que, exilados das supernas luzes,  
Scolhermos do que fomos  
20 O melhor pra lembrar

Quando, acabados pelas Parcas, formos,  
Vultos solenes de repente antigos,  
E cada vez mais sombras,  
Ao encontro fatal

25 Do barco escuro no soturno rio,  
E os nove abraços do horror estígio,  
E o regaço insaciável  
Da pátria de Plutão.

Ricardo Reis, *Poesia*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 36-37

### NOTAS

*áleas* (verso 2) – caminhos ladeados de árvores ou arbustos.

*estígio* (verso 26) – relativo ao Estige, rio dos Infernos na mitologia grega.

*Parcas* (verso 21) – três divindades da mitologia romana que representam o destino: uma preside ao nascimento, outra ao casamento e a terceira à morte.

*Plutão* (verso 28) – deus dos Infernos, na mitologia romana.

*quedas* (verso 5) – quietas; imóveis.

*Scolhermos* (verso 19) – escolhermos.

*supernas* (verso 18) – supremas; superiores.

1. Explícite três traços da filosofia de vida exposta nas quatro primeiras estrofes. Fundamente a resposta com transcrições pertinentes.
2. Justifique o recurso à primeira pessoa do plural ao longo do poema.
3. De acordo com o conteúdo das três últimas estrofes, explique o modo como o sujeito poético perspetiva a morte.

## B

Leia o texto.

O verão está frio. É o vento, são as tardes que obrigam à camisola, é o céu que não ajuda. Os verões já não são o que eram, diz-se. Os pássaros, agora, metem-se dentro das árvores e não saem de lá. A água nasce de onde não se espera – mas é uma água que não serve para nada, se mete para dentro da terra e apodrece, subterrânea, sem que ninguém a vá  
5 buscar, nem para regas, nem para bebedouros. E quem havia de precisar dessa água? Os campos estão ao deus-dará: os bichos não sabem para onde ir. Escondem-se dos homens; ou então param, no meio da estrada, olham para quem passa, e esperam que façam deles o que quiserem, que nem para bichos o mundo serve.

No entanto, o verão é sempre o verão em que as coisas acontecem. Lembro-me da  
10 esplanada em que me sentei, com o calor a subir das pedras e do alcatrão, clientes banais, o criado a trazer as encomendas de má vontade. A mulher sentada na mesa ao lado destoava do conjunto. Tinha óculos escuros, um vestido de cerimónia, como se viesse ou fosse para uma festa, e meias nas pernas, o que não se usa numa tarde de verão. Tinha um café em frente dela, que devia estar ali desde que ela chegou, e esperava que ela o bebesse, mas eu sabia  
15 que já não lhe iria tocar. Olhava para as outras mesas com um ar distraído, com um sorriso que podia ser de ironia ou de desprezo, como se não esperasse nada do mundo que a rodeava.

O verão é o tempo de estar nas esplanadas, olhando para parte nenhuma, ou mais habitualmente olhando para quem passa, e procurando encontrar nesses destinos uma hipótese de partilha de acasos, que se poderão tornar vocações. Mas a mulher que estava  
20 sentada na mesa ao lado não parecia interessada em quem subia e descia o passeio; e também não se sabia o que poderia despertar a sua atenção, que os óculos escuros remetiam para um fundo secreto. Apercebi-me, então, de que a fixava há demasiado tempo para que o meu olhar pudesse passar despercebido; e dei-me conta, também, de que ela percebera que eu a olhava, e que em vez de se aborrecer ou de ficar perturbada com isso se estava a divertir  
25 com o meu interesse por ela, o que invertia a situação em que a superioridade está do lado de quem olha, e a incomodidade aumenta em quem é vigiado.

Nuno Júdice, «Verão», *A Ideia do Amor e Outros Contos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002, pp. 43-44

4. Sintetize os aspetos em que o verão, tal como é caracterizado no primeiro parágrafo, se revela diferente do esperado.
5. Ao longo do segundo e do terceiro parágrafos, o olhar do narrador sobre a personagem feminina vai-se modificando.  
Explícite essa modificação.

## GRUPO II

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

Leia o texto.

Se alguém me perguntar o que é o tempo, declaro logo a minha ignorância: não sei. Agora mesmo ouço o bater do relógio de pêndula, e a resposta parece estar ali. Mas não é verdade. Quando a corda se lhe acabar, o maquinismo fica no tempo e não o mede: sofre-o. E se o espelho me mostra que não sou já quem era há um ano, nem isso me dirá o que o tempo é.

5 Só o que o tempo faz.

Que me sejam perdoadas estas falsas profundezas. Nada em mim se dispunha a coxear atrás do Einstein se não fosse aquela notícia de França: no rio Saône toda a fauna se extinguiu por ação de produtos tóxicos acidentalmente derramados nele, e cinco anos serão necessários para que essa fauna se reconstitua. O mesmo tempo que envelhece, gasta, destrói e mata

10 (boas noites, espelho), vai purificar as águas, povoá-las pouco a pouco de criaturas, até que cinco anos passados o rio ressuscite da fossa comum dos rios mortos, para glória e triunfo da vida. (E depois casaram, e tiveram muitos afluentes.)

Não iria longe esta crónica se não fosse a providência dos cronistas, a qual é (aqui o confesso) a associação de ideias. Vai levando o rio Saône a sua corrente envenenada, e

15 é neste momento que uma gota de água se me desenha na memória, como uma enorme pérola suspensa, que devagar vai engrossando e tarda tanto a cair, e não cai enquanto a olho fascinado. Rodeia-me um fantástico amontoado de rochas. Estou no interior do mundo, cercado de estalactites, de brancas toalhas de pedra, de formações calcárias que têm a aparência de animais, de cabeças humanas, de secretos órgãos do corpo – mergulhado numa luz que do

20 verde ao amarelo se degrada infinitamente.

A gota de água recebe a luz de um foco lateral e é transparente como o ar, ali suspensa sobre uma forma redonda que lembra um bolbo vegetal. Cairá não sei quando, da altura de seis centímetros, e vai escorregar na superfície lisa, deixando uma infinitesimal película calcária que tornará mais breve a próxima queda. E porque nós parámos a olhar a gota de

25 água, o guarda de Aracena disse: «Daqui a duzentos anos as duas pedras estarão juntas.»

É esta a paciência do tempo. Na gruta imensa, o tempo está aproximando duas pedras insignificantes e promete a silenciosa união para daqui a duzentos anos. À hora a que escrevo, pela noite dentro, a caverna está decerto em escuridão profunda. Ouve-se o pingar das águas soltas sobre os lagos sem peixes – enquanto em silêncio a montanha verte a gota vagarosa

30 da promessa.

A paciência do tempo. Duzentos anos a fabricar pedra, a construir uma pequena coluna, um mísero toco em que ninguém reparará depois. Duzentos anos de trabalho monótono e aplicado, indiferente às maravilhas que cobrem as paredes altíssimas da gruta e fazem rebentar flores de pedra do chão. Duzentos anos assim, só porque assim tem de ser.

35 Falo do tempo e de pedras, e, contudo, é em homens que penso. Porque são eles a verdadeira matéria do tempo, a pedra de cima e a pedra de baixo, a gota de água que é sangue e é também suor. Porque são eles a paciente coragem, e a longa espera, e o esforço sem limites, a dor aceite e recusada – duzentos anos, se assim tiver de ser.

José Saramago, *A Bagagem do Viajante*, 8.ª ed., Alfragide, Editorial Caminho, 2010, pp. 223-225

1. As referências ao relógio parado e à imagem refletida no espelho (linhas 1 a 5)
- (A) aludem a formas de medição do tempo.
  - (B) exemplificam efeitos da passagem do tempo.
  - (C) esclarecem as dúvidas do autor sobre o tempo.
  - (D) revelam o significado intrínseco do tempo.
2. Através do recurso à palavra «coxear» na expressão «coxear atrás do Einstein» (linhas 6 e 7), o autor alude à
- (A) necessidade imperiosa de aproximação à ciência.
  - (B) dificuldade em estudar o efeito do tempo no Saône.
  - (C) distância que separa o seu pensamento do de Einstein.
  - (D) intenção inequívoca de seguir os passos de Einstein.
3. A associação de ideias estabelecida, a partir da linha 13, entre a água do rio Saône e a gota de água da gruta evidencia
- (A) o ciclo natural da água existente no planeta.
  - (B) o ritmo do tempo ao transformar o mundo.
  - (C) a beleza das formas que a água proporciona.
  - (D) a efemeridade da vida humana no planeta.
4. No último parágrafo do texto, o autor acentua
- (A) a lentidão que caracteriza a evolução da humanidade.
  - (B) a beleza dos processos naturais de criação das rochas.
  - (C) a insignificância do homem face à imensidão da natureza.
  - (D) a morosidade na formação de novas pedras calcárias.
5. Nas linhas 13 e 15, a palavra «se» é
- (A) uma conjunção em ambos os casos.
  - (B) um pronome em ambos os casos.
  - (C) um pronome e uma conjunção, respetivamente.
  - (D) uma conjunção e um pronome, respetivamente.

6. O complexo verbal «está aproximando» (linha 26) tem um valor aspetual

- (A) genérico.
- (B) pontual.
- (C) iterativo.
- (D) durativo.

7. No último parágrafo, são utilizados vários recursos estilísticos, entre os quais

- (A) a sinestesia e a anáfora.
- (B) a ironia e a sinestesia.
- (C) a anáfora e a hipérbole.
- (D) a hipérbole e a ironia.

8. Identifique a função sintática desempenhada pela expressão «o rio Saône» (linha 14).

9. Indique o valor da oração subordinada adjetiva relativa presente na linha 16.

10. Classifique a oração introduzida por «em que» (linha 32).

### GRUPO III

A passagem do tempo é vivida por cada ser humano em função das circunstâncias em que se encontra.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre o modo como o ser humano vive a passagem do tempo, na atualidade.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

## COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	
		50
TOTAL		200